

João Francisco Marques

(09.01.1929 - 06.03.2015)



No dia 28 de Maio de 2015, dia do DHEPI, por decisão do Conselho de Departamento, foi organizada uma cerimónia pública de homenagem a dois docentes que recentemente nos deixaram: o Professor Doutor Humberto Baquero Moreno e o Professor Doutor João Francisco Marques. Coube-me, enquanto uma dos muitos discípulos do Professor João Francisco Marques, proferir algumas palavras de evocação. Este texto retoma-as.

“Dirijo-me, em particular, aos Familiares dos Professores que hoje, com mágoa, evocamos, os Professores Humberto Baquero Moreno e João Francisco Marques. É justo que aqui estejam, tanto mais que esta foi uma das instituições com que tiveram que partilhar o tempo, a dedicação e a atenção dos seus familiares, que recentemente nos deixaram, e que na Universidade do Porto e na Faculdade de Letras se afirmaram como figuras de proa, verdadeiros construtores de um edifício de cariz pedagógico e científico que nos cabe a todos manter, acrescentar e continuar a dignificar.

Estou aqui, perante todos, por incumbência e decisão tomada em Conselho de Departamento, para desempenhar uma função e para cumprir uma tarefa, que digo, sem exagero ou fictícia retórica, ser a mais difícil de que tenho memória. Não porque receie o julgamento dos presentes, pois sei que a benevolência e a generosidade são características dos *Grandes*, mas porque a tarefa de evocar a figura, diria melhor, a personalidade do Professor João Francisco Marques, em representação institucional, e perante uma audiência que integra destacados Professores que conviveram com João Francisco Marques de uma forma mais continuada e mais próxima do que eu (apesar de eu ter tido o privilégio de poder contar com mais de 30 anos de convívio com o Professor), implica uma imensa responsabilidade. Ingrata responsabilidade porque estou certa de que nunca poderei sequer aproximar-me ao enunciado real do valor e dos desempenhos do Professor, ainda que nos estritos domínios institucional e académico, a que me cingirei.

Não me cabendo apresentar a pessoa, a individualidade, que todos conhecem bem, nem o seu currículo, que é longo, riquíssimo e destacado, mas também conhecido, e público, creio ser meu dever salientar os significados da sua obra e dos seus desempenhos institucionais e apontar alguns, e apenas alguns, dos seus muitos legados pessoais.

Diz-se, na sinopse bio-bibliográfica com que se abre os dois volumes de Homenagem ao Professor, editados na hora da sua jubilação, em 2000: “A figura de Francisco Marques destaca-se no panorama da historiografia e da cultura portuguesa pela sua originalidade como

investigador, docente e mestre de quantos, na Universidade do Porto e fora dela, tiveram o privilégio de contactar com a sua postura humana, intelectual e cívica. Do seu *cursus honorum* emerge não só o historiador, mas também o homem de letras, participante em círculos literários e de reflexão filosófica. É de salientar também a sua faceta de cidadão comprometido e interventivo, na academia universitária, bem como noutros espaços alargados da vida social e política”¹ Estas palavras sintetizam as várias vertentes que caracterizaram a acção do Homem, do Cidadão, do Professor e do Investigador que foi João Francisco Marques.

João Francisco Marques nasceu na Póvoa do Varzim a 9 de janeiro de 1929 e permaneceu poveiro, até os últimos dias da sua vida. Foi director do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim entre 1976 e 1985. Foi eleito vereador da mesma municipalidade em 1976, cargo de que não viria, porém, a tomar posse. Sempre se manteve ligado, se não institucional, pelo menos afectivamente, ao seu Varzim, Sport Clube, onde esteve por muito tempo muito bem representado por seu irmão, Lídio Marques.

O município, que sempre contou com a sua colaboração, reconheceu os seus préstimos de múltiplas formas, a mais visível das quais consistiu na atribuição da Medalha de Prata de Reconhecimento Poveiro ao Professor, em 24 de Junho de 1995. Neste momento prossegue a publicação da sua *Obra Selecta*², em vários volumes, reconhecimento não menor, pela Câmara Municipal da Póvoa, do valor do munícipe que teve o privilégio de albergar.

João Francisco Marques frequentou o Seminário Arquidiocesano de Braga entre 1940 e 1952. A carreira eclesiástica, a que dedicou a sua vida, em paralelo com a carreira de docente e de investigador, levou-o a celebrar 50 anos de sacerdócio, em 2002, numa cerimónia pública em que, num balanço pessoal e de veia analítica (e crítica), evidenciou a importância da formação religiosa, dos valores do Cristianismo e o papel social da Igreja em tempos de mudança, que teve o privilégio de viver no período pré e pós 25 de Abril.

Lembremos que João Francisco Marques foi mandatário local, na Póvoa do Varzim, da campanha do Dr. Jorge Sampaio para Presidente da República, assim evidenciando a sua noção de comprometimento cívico e a sua convicção acerca da possibilidade de se poderem conciliar Religião e Política – tema central, afinal, de toda a sua obra, emergente de forma destacada nos seus trabalhos sobre a sermonária no período filipino, e sobre o Padre António Vieira.

Foi, de resto, na cerimónia de atribuição do grau de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Porto ao Dr. Jorge Sampaio que pela última vez vi o Professor, participando ainda do cortejo académico, coerente que sempre foi nas suas convicções e constante nas suas amizades. Importa, de resto, lembrar, que o apreço era recíproco, pois no exercício do seu cargo de Presidente da República Jorge Sampaio reconheceu ao Professor o estatuto de homem de cultura singular, em 1999.

Sacerdote comprometido, João Marques expressou, ainda nessa sua intervenção na cerimónia de comemoração dos 50 anos de sacerdócio, a que me permito retornar, linhas de reflexão sobre a compatibilidade da acção e dos percursos individuais no seio de uma instituição que se rege por normas colectivas e que interage com a comunidade alargada a que pertence. Se me é permitida a observação (a intuição, diria o Mestre), este foi um desafio que acompanhou todo o *cursus vitae* do sacerdote e do intelectual: a conciliação, na justa medida, de ambas as

¹ Luís de Oliveira Ramos, Jorge Martins Ribeiro, Amélia Polónia (ed.), *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, (Porto : Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2001), vol. I, 9.

² João Francisco Marques, *Obra Selecta*, 2 vols, 4 tomos (Lisboa, Roma Editora, 2008-ss.).

orientações e vocações, que sempre procurou fazer confluir em benefício das carreiras que serviu: a eclesiástica e a académica.

O facto de centrar a sua investigação no domínio da história religiosa facilitou, creio, em muito, esta confluência, e potenciou, reciprocamente, a qualidade dos seus desempenhos. Todavia, desse percurso, a memória que entre a maioria dos presentes prevalece é, porventura, a do pedagogo e académico. A ela dedicarei as próximas palavras.

João Francisco Marques obteve o grau de licenciatura em História, em 1970, pela Universidade de Coimbra, e frequentou, em 1971-72, o estágio de História e Filosofia no Liceu Normal de D. Manuel II, o qual terminou com a nota máxima, excepcional na prática corrente, de 16 valores.

Professor efectivo do 4º Grupo de História A do ensino liceal, João Francisco Marques rapidamente se afirma como metodólogo nos Liceus de Matosinhos, D. Manuel II, Alexandre Herculano, Rainha Santa Isabel e em Vila Real de Trás-os-Montes.

Como sempre fez questão de sublinhar, ingressou na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1977 por sugestão e convite do senhor Professor Luís António de Oliveira Ramos, a quem sempre aproveitava para manifestar publicamente a gratidão pela abertura de uma porta para um universo, o universitário, em que o Professor se sentia em casa e em que conseguiu potenciar a sua vocação e qualificações inatas de professor e de investigador.

O seu percurso na Faculdade de Letras da Universidade do Porto evidencia o sucesso dessa vocação: assistente em 1977, foi professor auxiliar em 1984, professor associado em 1987 e professor catedrático em 1993, depois de ter prestado provas de agregação em 1990. Creio poder afirmar que ninguém, dentro ou fora desta sala e desta instituição, alguma vez duvidará da mais-valia que foi para a Faculdade de Letras e para a Universidade do Porto, a incorporação do Professor entre os seus membros.

Neste seu caminho, partilhou com muitos dos presentes percursos que o conduziram a Paris e aos seminários de Jean Delumeau, que o prestigiou com a sua presença nas suas provas de doutoramento, a par de tantos outros mestres, incluindo Lucien Febvre, Emmanuel Le Roy Ladurie, Pierre Chaunu, que para nós são capas de livros de referência e para o Professor, e muitos dos seus colegas, foram palavras vivas e veículos directos de conhecimento. Os mesmos com que nos alimentaram depois a nós, estudantes, com os princípios daquela que seria a corrente historiográfica mais marcante da licenciatura e depois mestrados em História: a da escola do *Annales*. Dessa geração de professores bolseiros que beneficiaram de uma estadia em Paris fizeram parte também os Professores Eugénio Francisco dos Santos e Cândido dos Santos. Num outro corte temporal, Aurélio de Oliveira e Francisco Ribeiro da Silva, são outros dos nomes que integraram este grupo de afiliados aos “*Annales*” que, por serem do grupo de História Moderna, contactaram continuamente com o Professor João Marques.

A estes teremos que acrescentar, por outros motivos, os nomes dos Professores José Amadeu Coelho Dias, frei Geraldo, e José Marques, com quem partilhava a condição de intelectual e sacerdote, e com quem debatia vivamente matérias graves de religião e academia.

Será, nesta sequência, de insistir na ideia de que a internacionalização, de que tanto se fala hoje, não é dado recente, como não o é a interdisciplinaridade, como o prova a prolongada colaboração que o Professor sempre cultivou (e foi reciprocamente cultivada) pelo Professor José Adriano de Carvalho. Disso dá prova, não só a longa amizade entre ambos, mas o facto de João Francisco Marques ter sido também membro do Centro de História da Espiritualidade, criado por aquele Professor e hoje gerido, sob outra designação, pela discípula de ambos, Zulmira Santos.

A emergência e desenvolvimento dessa "Escola" de pensamento, no Porto deve-se também à criação do Centro de História, com a sua revista periódica, de que foram figuras tutelares o Professor Humberto Baquero Moreno, que hoje também aqui homenageamos, e o Professor Oliveira Ramos, bem como à *Revista da Faculdade de Letras- História*, por tantos anos dedicadamente coordenada pelo Professor José Marques.

Mas centremo-nos numa outra dimensão dos desempenhos do Professor: a docência. Na verdade, como professor, sempre mobilizou salas de mais de 200 alunos (no meu tempo), com uma capacidade de comunicação ímpar, com uma lógica discursiva e um raciocínio articulado que nos permitia compreender, de modo simples, matérias de grande complexidade, como são as envolvidas pela disciplina de Teoria da História.

Era conhecido pelo seu rigor: as provas orais eram temidas por muitos estudantes pelo que significavam de reprimenda certa quando evidenciavam falta de informação e falta de leituras. Ensinava com métodos aparentemente pouco sofisticados, intuitivos quase, mas com um saber de pedagogo que o tornou também orientador – oficial ou não, de muitos trabalhos de investigação académica.

Poderia listar aqueles que, sabendo desta evocação, me lembraram as conversas que com o Professor tinham, no Diana Bar, primeiro, depois no Lota e, das quais, parecendo mera cavaqueira, resultaram profundas e decisivas "orientações tutoriais", orientações científicas, conselhos e sugestões que retirava, com muita paciência e simpatia, mas com firmeza também, do seu saber acumulado por décadas de leituras e pelas centenas de livros que guardava em casa, organizados segundo uma classificação que não era, por certo, a Classificação Decimal Universal, mas que lhe permitia rapidamente identificar, num mapa mental não acessível a todos, a localização dos livros procurados.

Impressionante é notar que, dominando, para além do Português, o Francês, o Professor integra, na sua biblioteca obras em castelhano, compreensivelmente, em italiano, em inglês, e mesmo em alemão, a que acedia, imagino, através do saber de alguém que lhe estava próximo, em termos familiares e afectivos: a Dr^a Susana, sua cunhada, professora de alemão.

Foram várias as gerações que usufruíram desta sua orientação científica e desta sua, como dizia, erudição histórica. Ela passava também pelo uso do seu lápis, que transformava frases menos claras ou menos elegantes em expressões eloquentes e cristalinas, porque a palavra e a construção frásica eram, para o Professor, a chave de toda a comunicação, e o reflexo evidente de clareza de raciocínio e do rigor da argumentação. Cuidar da expressão significava para o Professor condição sine qua non para a transmissão do conteúdo.

Isso nunca significou, porém, que descurasse o rigor metodológico e conceptual. Ainda que sem as categorizações, as conceptualizações, os estrangeirismos de que hoje nós (*mea culpa*) não conseguimos escapar, as preocupações teórico-metodológicas do Professor sempre foram inquestionáveis. Diz, na entrevista que lhe foi feita por Jorge Fernandes Alves e publicada no "Tripeiro" por alturas da sua jubilação, referindo-se à forma como aborda a parenética: "Esta concepção implica uma visão teórica do conhecimento histórico que sempre orientei para a reflexão epistemológica de como conceber e construir o saber historiográfico, através das indicações que a história da cultura e o desfiar do quotidiano, de que somos actores e espectadores, nos proporcionam"³.

³ J. F. Marques; Jorge F. Alves, "Na hora da Jubilação" in Luís de Oliveira Ramos, Jorge Martins Ribeiro, Amélia Polónia (ed.), *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, (Porto : Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2001) vol. I, p. 26.

Se julgarmos a sua obra por aquela bitola, a da exemplaridade da escrita, a da força da palavra, todo o seu conteúdo só poderá ser visto como exímio. Todavia, sabemos que o é, não apenas por isso, mas porque cultivava um rigor de que não abria mão. “A primeira coisa que vejo numa obra, dizia, é a qualidade das notas de rodapé. Se estas não existem ou não revelam rigor formal, nem me dou ao trabalho de ler o texto”: a forma, de novo, como expressão de conteúdo, e de método.

O que disto pensava o Professor está expresso numa das respostas dadas na entrevista acima mencionada. Diz o Professor, referindo-se a Vieira, quando perguntado “Quem foi para si Vieira?”

Responde: “Génio da palavra, é pelo sortilégio das palavras que nos subjuga. E é a isso que, não posso deixar de reconhecer, até pela minha própria natureza de comunicador, fico inteiramente rendido”⁴.

Génio da palavra foi também o Professor João Marques, que nos fazia render pela palavra, e pela clareza do raciocínio, e pelo brilhantismo das suas ideias. Por isso nos sentíamos importantes quando o ouvíamos: porque era para nós, sempre para nós, que falava. E não importava quem eramos nós: os pescadores e mulheres poveiras que frequentavam a capela de Santiago onde por norma dizia missa, os mais altos dignitários civis e eclesiásticos a quem com frequência se dirigia, alunos, orientandos, colegas e discípulos. O Professor precisava das suas audiências, comunicador por excelência que era, e conhecia-as a todas, por uma capacidade de análise psicológica que lhe era intrínseca e que o levava a formular algumas máximas, assertivas e divertidas, que aqui não reproduzo por me parecer não ser este o lugar.

Mas sabia, sempre ouvir, também ... Esta é outra dimensão da sua personalidade que não posso deixar de salientar: o seu profundo conhecimento do ser humano, que derivava da sua própria humanidade, que assumia sem preconceito e sem culpas: o gosto que tinha pela beleza, a paixão intrínseca que acompanhava as suas convergências e divergências de opinião ou um jogo e futebol, o gosto que tinha numa boa companhia e numa boa tertúlia, apimentada se possível com alguns ditos jocosos e críticos, acompanhada por uma boa refeição e um bom vinho, são apenas alguns dos indicadores da sua profunda, e assumida, humanidade.

De risada aberta e fácil mas de juízo severo, e geralmente assertivo, o Professor João Francisco Marques rapidamente se tornava centro de atenções em círculos de amigos vastos e heterogéneos, que não hierarquizava socialmente nem classificava por qualquer tipo de preconceito. Sem pertencer a nenhum tipo de oligarquia, integrou alguns dos mais destacados círculos intelectuais do Norte do país. Esses círculos incluíram nomes como os de José Régio, Luís Amaro de Oliveira, Flávio Gonçalves, Orlando Taipa, Pacheco Neves e o cineasta Manuel de Oliveira, com quem manteve uma forte empatia e continuada colaboração, sendo, para além de consultor histórico dos seus filmes, personagem em algumas das suas realizações, como ocorre com *Non ou a vã glória de mandar...*

De notar que a colaboração com o mundo do cinema não se esgota com essa parceria. Muito recentemente foi-lhe solicitado, por intermediação de uma outra amiga, Cristina Osswald, que lesse, em latim, textos para o próximo filme de Martin Scorsese resultante da adaptação de *Silêncio*, de Shusaku Endo ao cinema: uma película sobre jesuítas portugueses no Japão, no século XVII, que aí retornam após o édito de expulsão .

⁴J. F. Marques; Jorge F. Alves, *ibidem*, 29.

O facto, que assumia, de ser filho de um poveiro que emigrou cedo para o Brasil, tornava-o sensível a outras dimensões e partícipe de outros níveis de cultura, desenvolvendo um conhecimento, de antropólogo mais do que de etnógrafo, de expressões da cultura popular, das crenças populares, que compreendia, que respeitava, porque compreendia a alma, os anseios, os medos daqueles que dela se alimentavam. Nunca foi elitista nas suas escolhas e os únicos critérios de exclusão que lhe conheci foram os éticos. Nesses cultivava rígidos preceitos de selecção.

Outras dimensões dos seus desempenhos serão de anotar, que revelam a personalidade multifacetada que caracterizava o Professor João Francisco Marques: nunca o intelectual se inibiu de exercer cargos institucionais, assim contribuindo para a gestão universitária, seja como membro do Conselho Científico, seja como Presidente do Conselho Directivo da FLUP. Aí não só assegurou, desde 1984, o normal funcionamento da instituição, como promoveu espaço de partilha e de convívio entre todo o pessoal da FLUP. As festas de Natal abertas aos seus familiares são disso exemplo e prova.

O exercício do poder, o institucional, via-o como um meio para atingir fins, para concretizar objectivos que, com convicção e determinação, perseguia. Diz de Vieira, e cito “Mais do que um homem da Igreja, Vieira foi um ser capaz de entrar em sintonia e simpatia com os dramas individuais e sociais que ele sentiu, viveu e procurou resolver, solidário com os injustamente perseguidos, na dimensão do homem religioso, que foi sempre e antes de tudo, e do patriota identificado com a idiossincrasia da Nação...”⁵. Não estaria o Professor a falar de si próprio?

Abordemos, por fim, a sua obra. Insistia, sempre, que um académico é avaliado pela sua obra. Que o seu legado para o futuro era a obra escrita que deixava. Que as gerações passam, mas o pensamento, e o conhecimento, escrito e impresso, ficam.

Nunca se rendeu ao mundo digital e da comunicação virtual. Entendia que esse mundo, de grande mobilidade e acessibilidade, poderia nada deixar para amanhã. “O que acontece com os emails que recebe, Amélia?” - perguntava. “Que arquivos deixamos para o futuro?” “Essas páginas da web – dizia - que durabilidade têm? Até quando permanecem?”

Por tudo isto, sempre lutou afincadamente pela publicação da sua obra. Até ao fim dos seus dias, que não adivinhava (nem nós) estarem tão próximos. Alentava-se com o exemplo do seu grande amigo e modelo de vida, Manuel de Oliveira, que produzia ainda aos 106 anos, e dizia: “Tenho menos 20 anos, Amélia: quantos mais poderei trabalhar?” A linha inexorável da vida, e da morte, respondeu-lhe (e a nós) de forma inesperada, mas ainda assim, feliz: nenhum de nós assistiu, nem o Professor a nenhuma evidência de declínio intelectual, a nenhuma mágoa pela perda de capacidades... E o seu amigo e companheiro de tertúlias, e de desafios intelectuais, Manuel de Oliveira, não lhe sobreviveu nem um mês...

E aqui estamos, em convívio, que o Professor tanto apreciaria, falando do Homem e da sua obra, institucional e historiográfica. Esta, parecendo ser vária, é coerente. Segue linhas de investigação convergentes, que se alimentam reciprocamente. Tendo como eixos maiores a sermonária (em particular do período moderno) e a sua função no discurso político e na mobilização de opiniões – tema a que dedicou mais de 40 anos da sua vida. A sua obra tem nos estudos sobre o Padre António Vieira um dos seus epicentros.

Questões de missionação, minorias religiosas, reforma religiosa e práticas religiosas, para além de análise literária, preenchem o seu curriculum, que supera em muito a centena

⁵ J. F. Marques; Jorge F. Alves, *idem*, 29.

de títulos, entre livros, coordenação de obras colectivas, artigos e verbetes de dicionários, a forma mais difícil de condensar sabedoria. Poderíamos destacar, pela sua dimensão e impacto recente, a publicação da *Obra Completa do Padre António Vieira*⁶, de que coordenou os 15 volumes relativos à Parenética, mas de todo não podemos deixar de destacar a sua participação na *História Religiosa de Portugal*⁷ ou no *Dicionário de História Religiosa de Portugal*⁸. Para além da sua *Obra Selecta*⁹, ainda em publicação, como se referiu, com o patrocínio da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, outros projectos pululavam ainda na mente do investigador que, quotidianamente continuava a realizar obra e a alimentar projecto. Perguntado, na entrevista a que atrás nos referimos, feita por Jorge Fernandes Alves, em 1999, “Quais são os projectos do investigador João Marques, uma vez jubilado do serviço docente?”, responde: “Ao que ainda gostaria de realizar pertencem dois projectos maiores em que desde há anos trabalho: uma História da Parenética Portuguesa, escrita e publicada, e um estudo “O Confessor régio em Portugal”. Migalhas dos dois tenho publicado, mas acalento a esperança de erguer o conjunto. Parafrazeando Vieira, diria que choupanas são o que fizemos; altos castelos os projectos que ficam a meio caminho do sonho”¹⁰.

Cabe-nos agora a nós respeitar o legado, cumprir, se possível os seus desígnios, nomeadamente o de fazer vir ao prelo o tão desejado *Dicionário Bio-Bibliográfico da Parenética Impressa Portuguesa*, que alimentou durante décadas, e respeitar os seus ensinamentos do Mestre de História e de Vida.

Porque aqui procurei deixar uma visão do Professor que congregasse o que com ele todos partilhámos, sei que muitas das dimensões da sua vida estão por referir: não tive nem poderia ter essa intenção. Mas creio que essa lacuna pode ser parcialmente preenchida, de forma breve e inspirada, através das palavras (ditas e escritas), da Dr^a Manuela Marques, sobrinha e afilhada do Professor João Marques, cujo texto se publica também neste *dossier*. Essa é a imagem viva, sentida, na qual plenamente se reconhece o Homem, o Mestre, o Modelo de Vida com o qual de um modo ou de outro todos contactámos. Esse foi um privilégio que é nossa obrigação partilhar...

Porto, 28 de Maio de 2015

Amélia Polónia*

⁶ Carlos Maduro (coord.), *Obra Completa [de] Padre António Vieira*, (30 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 2013 - introd., anot. Carlos Maduro, Ana Lúcia M. de Oliveira).

⁷ Carlos Moreira de Azevedo (dir.), *História Religiosa de Portugal*, (3 vols., Lisboa: Círculo de Leitores, 2000).

⁸ Carlos Moreira de Azevedo (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (4 vols., Lisboa: Círculo de Leitores, 2000).

⁹ J. F. Marques, *Obra Selecta*.

¹⁰ J. F. Marques; Jorge F. Alves, *idem*, p. 29.

* Professora do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais (DHEPI) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

O meu Padrinho

Partiu há um mês, sem nos avisar. Nem sempre nos dava conhecimento do que fazia nem para onde ia. Aos 86 anos, bem vividos, era completamente independente e absolutamente imparável. Os horários do metro do Porto e dos comboios para Lisboa ainda permanecem na sua carteira. As suas admiráveis capacidades de trabalho e de concentração não diminuíram com a idade nem com as doenças que o foram rondando...No seu escritório adotivo, inicialmente o Diana-Bar, depois o Lota Café, só erguia o olhar dos papéis meticulosamente escritos com BIC Cristal azul, quando lhe tocava no ombro para o beijar e cumprimentar. Ouvia muito bem mas era dotado de isolamento acústico! Sempre “encasacado” e de boné, mesmo com sol e calor, cultivava uma certa aparência boémia, lenço no pescoço, boina Basca ao lado, casaco de alamares, jaqueta com cotoveleiras...saudades de Paris, de quando lá frequentou a Sorbonne nos inícios de 80? Lia francês, assinava várias revistas até, mas o inglês e sobretudo as novas tecnologias, foram sempre o seu calcanhar d’Aquiles! Ficava deslumbrado com a internet e com a rapidez de acesso a qualquer informação; mas não conseguiu dar esse passo, com enorme pena. Até o telemóvel e o leitor de filmes tinham para ele segredos intransponíveis...E nós, que nos deslumbrávamos com as suas dissertações sobre os mais variados temas, ficamos subitamente “sem rede”, com o vazio das perguntas sem resposta, das tantas que afinal ainda lhe queríamos fazer, sobre a Póvoa, sobre os poveiros de outras gerações, sobre a nossa família, o responso a Santo António...nada irá substituir os seus saberes, a entoação da sua voz, o seu falar de púlpito, com as mãos e o olhar, que dirigia obliquamente para cima, ultrapassando o aro dos óculos, sempre com um sorriso, frequentemente com uma gargalhada sonora! Usava frases e expressões únicas, “Amiga!”, “Tu achas?!”, algumas mais eruditas -“por conseguinte”-, outras hilariantes-“Já ultrapassei as ficções do paganismo!”- e não poucas vezes verbalizava saudade de tempos idos com consciência da sua realidade, ao dizer “Ah! Se eu tivesse a vossa idade e a vossa magreza, o meu apetite, o meu dinheiro e saber o que sei!...”, e revirava os olhos!! Gostava de conviver, sempre pronto para almoços e jantares de família, tertúlias com os muitos grupos de amigos que fez ao longo da vida...e era de facto polarizador de todas as atenções! Bastava-lhe levantar o copo que logo ele se enchia, apontar a perna da ave ou o pudim por encetar...às vezes deixava o prato arrefecer enquanto falava! “Anda, come, João!”, dizia o meu pai ao seu lado. E nas viagens de carro, de férias para casa da minha irmã, em Tavira, ouvíamos música brasileira, trauteava “a garota d’Ipanema”, “Tico-tico no fubá”, “Eu estava à toa na vida, a ver a banda passar”...Tinha assunto para muitos quilómetros, centenas, respeitando, é claro, a paragem para o pic-nic ou o arroz de tomate em Pombal, e depois a consagrada sesta pós-prandial, hábito que manteve toda a vida!

Ainda penso que está apenas “a fazer a sesta”, e quando acordar, vai para o Lota trabalhar, curvado sob a luz do candeeiro que era só dele e que eu continuarei a ver quando passar de bicicleta na marginal, de regresso a casa.

A sobrinha e afilhada
Manuela Marques
(a Nené)